

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 39 No. 3 Setembro - Dezembro 2026

RESENHA

RESENHA: HISTORICAL ARCHAEOLOGY OF CHILDHOOD AND PARENTING

Daniela Maria Alves*

RESUMO

O texto é uma resenha de *Historical archaeology of childhood and parenting*, organizada por April Kamp-Whittaker, Jamie J. Devine e Suzanne M. Spencer-Wood. A obra reúne catorze capítulos com estudos de caso sobre infâncias e parentalidades entre os séculos XVI e XX, em diferentes contextos geográficos e sociais. Combinando cultura material, documentação escrita e registros etnográficos, os autores mostram como adultos influenciaram as experiências infantis e como as crianças exerceram formas sutis de agência. Destaca-se a relacionalidade entre crianças e adultos, revelando que práticas parentais em torno de educação, saúde e morte resultaram de negociações contínuas em cada contexto.

Palavras-chave: Arqueologia da infância; Parentalidade; Cultura material; Agência infantil; Arqueologia histórica.

* Doutora em arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
E-mail: danymalves@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6213-7630>.

REVIEW: HISTORICAL ARCHAEOLOGY OF CHILDHOOD AND PARENTING

ABSTRACT

Review of *Historical Archaeology of Childhood and parenting* (2024), edited by April Kamp-Whittaker, Jamie J. Devine, and Suzanne M. Spencer-Wood. The book brings together fourteen chapters featuring case studies on childhoods and parenting from the sixteenth to the twentieth centuries, across diverse geographical and social contexts. Combining material culture, written documentation, and ethnographic records, the authors show how adults influenced children's experiences and how children exercised subtle forms of agency. The relationality between children and adults stands out, revealing that parental practices concerning education, health, and death resulted from ongoing negotiations within each context.

Keywords: Childhood archaeology; Parenting; Material culture; Children's agency; Historical archaeology.

RESUMEN: HISTORICAL ARCHAEOLOGY OF CHILDHOOD AND PARENTING

RESUMEN

Este texto es una reseña de *Historical archaeology of childhood and parenting*, editada por April Kamp-Whittaker, Jamie J. Devine y Suzanne M. Spencer-Wood. El libro reúne catorce capítulos con estudios de caso sobre infancias y parentalidad entre los siglos XVI y XX, en distintos contextos geográficos y sociales. Combinando cultura material, documentación escrita y registros etnográficos, las autoras muestran cómo los adultos influyeron en las experiencias infantiles y cómo los niños ejercieron formas sutiles de agencia. Se destaca la relacionalidad entre niños y adultos al revelar que las prácticas parentales en torno a la educación, la salud y la muerte resultaron de negociaciones continuas en cada contexto.

Palabras clave: Arqueología de la infancia; Parentalidad; Cultura material; Agencia infantil; Arqueología histórica.

KAMP-WHITTAKER, April *et al.* (ed.) *Historical archaeology of childhood and parenting. materialized experiences, discourses, identities, places and meanings*. Sham: Springer, 2024. 269 p.

O livro *Historical archaeology of childhood and parenting. Materialized experiences, discourses, identities, places and meanings*, editado por April Kamp-Whittaker, Jamie J. Devine e Suzanne M. Spencer-Wood, publicado em 2024, é uma importante contribuição para o estudo das crianças, das infâncias e da parentalidade no passado. Encontra-se dividido em catorze capítulos. O primeiro deles apresenta um panorama geral sobre todos os artigos, enquanto o último capítulo reflete sobre as conclusões alcançadas, além de oferecer sugestões para o prosseguimento do estudo dos temas. Os outros doze capítulos revelam diferentes estudos de caso, pelos quais perpassam pesquisas realizadas por diferentes autores, abrangendo distintos espaços geográficos e cobrindo um espaço temporal desde o século XVI ao século XX.

Meredith Ellis, autora do segundo capítulo, intitulado *Childhoods in bioarchaeology: the importance of categorizing and analyzing age*”, mostra a análise de setenta esqueletos de indivíduos subadultos, provenientes de escavações efetuadas em uma igreja presbiteriana, construída no século XIX, situada na atual cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Buscou-se compreender as idades biológicas desses indivíduos, bem como as expectativas dos adultos e os ideais de infância do período. As investigações demonstraram a presença de escorbuto nas crianças mais novas e sua ausência total nas crianças mais velhas e casos generalizados de raquitismo. Os estudos na dentição revelaram que a maioria das crianças tinha uma dieta carcinogênica e que o momento do desmame variou entre as famílias. Foram utilizados ainda documentos escritos da própria igreja, dados censitários e manuais de parentalidade. Finalmente, concluiu-se que a materialidade do corpo é fluida e que as estruturas sociais em torno da idade influenciaram a compreensão da biologia observada nos restos esqueléticos.

No terceiro capítulo, “Early medieval english childhood and grave goods: mortuary symbols of emotion, affection and parenting?”, Sally Crawford reflete sobre os “itens de baixo valor”, tais como objetos desgastados, reutilizados e reparados, identificados nos enterramentos infantis durante o início do período Medieval inglês até o século VIII. Segundo as leis inglesas daquele momento, as crianças menores de dez anos, idade na qual assumiam responsabilidades adultas, eram sepultadas com menos bens funerários do que os adultos, indicando menor investimento econômico. Isso não significava, porém, a ausência de cuidado ou de pesar em relação à morte das crianças. Esses objetos podiam indicar conexões emocionais entre as gerações.

O quarto capítulo, “Materializations of changing western patriarchal beliefs about children, childhood and parenting; socialization practices and diverse children’s social agency”, contempla uma reinterpretação acerca dos brinquedos e de vários outros artefatos identificados em uma loja comercial de uma família, que funcionou em Dummerston Center Vermont, Estados Unidos, de 1808 a 1920. Com o auxílio de documentos escritos sobre as mudanças nas crenças ocidentais patriarcais do período e de teorias feministas, Suzanne Spencer-Wood propôs a agência das crianças que resistiram às formas impostas pelo patriarcado por meio dos objetos que escolheram utilizar.

O quinto capítulo, “The manager’s children: family space and a private life in the nineteenth-century asylum”, engloba uma pesquisa sobre o espaço ocupado por uma família que residia e administrava um local de acolhimento para pessoas insanas pobres no século XIX, na Irlanda. Katherine Fennelly destacou a invisibilidade dos filhos dos administradores na documentação escrita oficial e afirmou que a análise espacial mostrou a segurança, mas também a permeabilidade dos locais. Os mapas e plantas

avaliados demonstraram rígida delimitação entre o espaço doméstico e o institucional, mas a extensão em que esses limites foram respeitados seria questionável. O jardim, particularmente, seria o local-chave da liminaridade e da incerteza.

No sexto capítulo, “San Pedro Maya youth in british colonial Yucatan”, Minette Church exibe uma série de artefatos provenientes do sítio maia de *San Pedro Siris*, situado no atual Belize. O pequeno povoado, construído no século XIX, resistiu durante bastante tempo contra a expansão do domínio britânico na região. Objetivou-se compreender como as crianças e suas famílias foram atravessadas pelas ideias de infância da Era Vitoriana. Os brinquedos coletados durante as pesquisas arqueológicas referiam-se àqueles comumente identificados em contextos arqueológicos do período histórico, como partes de pequenas(os) bonecas(os) de porcelana e fragmentos de louças de conjuntos de chá, enquanto outros indicaram brinquedos tradicionais, parte das brincadeiras e jogos maia. O poder exercido pelas autoridades coloniais variava. Às vezes, as crianças eram removidas à força de seus lares para serem educadas em internatos, mas em San Pedro, as crianças recebiam brinquedos ocidentais dos professores ou dos pais. Com o auxílio da investigação etnográfica, sugeriu-se que, embora as crianças tivessem acesso aos brinquedos trazidos pelos europeus, suas brincadeiras provavelmente não incluíam “festa do chá” ou “casinha”, mas brincadeiras relacionadas à cultura maia.

No sétimo capítulo, “Practicality and ideology: examining site selection for american children’s institutions”, Paulina Przystupa examina 62 instituições estadunidenses, entre internatos para crianças brancas e para crianças indígenas, construídos entre 1837 e 1949. Para tanto, considerou-se a localização dessas instituições em relação às cidades, a partir de fontes bibliográficas e de documentação das próprias instituições. Analisou-se como os padrões sobre cuidados infantis, as suposições raciais, bem como as necessidades de gestão dessas entidades interagiram ao longo do tempo. Apesar da literatura disseminada à época, sobre a necessidade de criar as crianças em locais com espaços verdes, a maioria dessas instituições foi construída a menos de dez quilômetros das cidades, evidenciando o predomínio da praticidade e da conveniência das localizações.

O oitavo capítulo, “Children of the Ludlow massacre: socialization, americanization and immigrant children in early 1900s Colorado’s coal mining communities”, apresenta a análise de artefatos relacionados às crianças, identificados em uma mineradora de carvão, situada no estado do Colorado, Estados Unidos, entre os anos de 1890 e 1920. Jamie Devine averiguou como as crianças, que eram imigrantes em sua maioria, vindos do oeste europeu e do México, foram influenciadas pelos valores de americanização, propalados pela companhia. A empresa criou um departamento de sociologia responsável pela supervisão das creches e pré-escolas que acolhiam os filhos dos mineradores. A ideia era ensinar aos pequenos os valores e o estilo de vida americano. A maioria dos brinquedos coletados foram partes de bonecas de porcelana e fragmentos de louça em miniatura de jogos de chá, enquanto brinquedos associados aos imigrantes não foram recuperados. O autor não afirmou que as meninas que brincaram com suas bonecas de porcelana assimilaram os valores americanos, mas apresentou outras possibilidades de atividades e brincadeiras infantis, mostrando o dinamismo daquele ambiente.

No nono capítulo, “Between maori and missionary worlds: the chiefly childhoods of Hongo Hariata Hongi and Ripero Hongi in early nineteenth century Bay of Islands, New Zealand”, Angela Middleton explora as infâncias de um irmão e de uma irmã no decorrer do século XIX, que cresceram aprendendo a cultura maori; porém, com a chegada de missionários católicos na Baía das Ilhas, Nova Zelândia, as crianças precisaram balancear sua cultura ancestral com as novas habilidades e com a cultura material europeia. Durante a escavação efetuada na escola missionária, foram coletados

artefatos como lápis e pequenas placas de ardósia, contas de vidro e bolinhas de gude. As crianças foram alfabetizadas, e, posteriormente, uma das meninas usou a escrita de cartas como ferramenta contra o domínio britânico na região.

No décimo capítulo, “The science of child rearing: mothering in the late nineteenth- early twentieth century, Laurie Wilkie combina a análise da cultura material de cinco diferentes sítios domésticos e de documentação escrita, inclusive documentos pessoais, com o objetivo de compreender como as mães lidaram com ideologias em transformação sobre o cuidado parental. Em fins do século XIX e início do século XX, a autoridade materna estava sob vigilância, pois crescia o número de especialistas médicos, predominantemente homens, que divulgavam a maternagem científica. Os estudos mostraram a complexidade das intersecções entre classe, raça e religião, demonstrando que histórias de pequenas ações e das materialidades podem auxiliar no entendimento de como certas práticas se tornaram importantes. De modo geral, essas mães buscaram auxílio de farmacêuticos e médicos e enfatizaram a construção de corpos saudáveis para as crianças por meio da ciência dos alimentos. Na saúde e no vigor contínuos de seus filhos, cada mulher teria visto a materialização de sua boa maternidade.

O décimo primeiro capítulo, “The rise of child consumer and interpretation of nineteenth and twentieth century U. S domestic sites”, abarca uma pesquisa com foco nas transformações nos padrões de consumo doméstico nos séculos XIX e XX. Para tanto, foram investigados catálogos, revistas e informativos publicitários e os brinquedos que passaram a ser massivamente produzidos e frequentemente identificados nos sítios arqueológicos do período. Jane Eva Baxter argumentou que a publicidade sobre os bens de consumo se transformou com o intuito de determinar as preferências dos produtos nas crianças e de influenciar os gastos das famílias. Esses bens não eram apenas para serem exibidos, mas também refletiam o empoderamento dos adultos e, particularmente, das crianças na tomada de decisões quanto ao consumo doméstico.

O décimo segundo capítulo, “Incarcerated childhoods: the discourse, experience and material culture of children’s play in a WWII japanese american internment camp”, abrange o estudo arqueológico realizado em um campo de internamento nipo-americano no estado do Colorado, Estados Unidos, durante a segunda guerra mundial, especificamente entre 1942 e 1945. Somado aos relatos dos sobreviventes e aos documentos escritos, April Kamp-Whittaker buscou compreender as diferenças nas brincadeiras e na mobilidade, observando a idade e o gênero das crianças. Além de viverem em um ambiente institucional com suas famílias, as crianças transitavam por múltiplas divisões culturais. Ademais, por meio dos processos de realocação forçada e confinamento institucional, elas foram removidas de suas comunidades sociais para um ambiente em que algumas das normas sociais anteriores foram interrompidas ou eliminadas. Também foram coletados brinquedos como bolinhas de gude, fragmentos de veículos, xícaras e objetos educativos em plástico, que foram identificados em determinados locais. A distribuição e o tipo dos brinquedos foram associados às brincadeiras de meninos e de meninas. Sugeriu-se que as expectativas em torno dos comportamentos de gênero seria uma forma de proteção dos adultos para com as crianças e um modo de criar continuidade nesse ambiente disruptivo.

No décimo terceiro capítulo, “Parental investments and childhood responses on the frontier: the relationship between children, parents, and context”, Delfin Weis aborda a cultura material associada às crianças proveniente de dois sítios arqueológicos: um forte e uma pequena cidade mineradora, ambos situados na fronteira oeste, no estado do Colorado, Estados Unidos, com a finalidade de determinar como as condições socioeconômicas influenciaram a dinâmica das mudanças sociais. Escolhas feitas pelos pais e pelas crianças durante a transmissão do conhecimento foram fundamentais para

o processo de mudança social ou conservação da fronteira oeste americana. No contexto da segunda metade do século XIX, sugeriu-se que os pais reagiram às realidades materiais e econômicas que possuíam. Os brinquedos coletados nos dois sítios indicaram conceitos ideológicos e de gênero, porém a quantidade e a qualidade foram distintas. As crianças, por sua vez, demonstraram estar atentas às condições de seus contextos.

O livro examina os diferentes modos de vida das crianças no passado, contextualizando-as em suas distintas espacialidades e temporalidades. As investigações mobilizam métodos variados, análise da cultura material, documentação escrita e registros etnográficos, revelando a riqueza interpretativa que essa combinação de fontes pode oferecer. Um dos achados centrais da obra é a relacionalidade entre crianças e adultos: se os adultos influenciaram os universos infantis, as crianças, por sua vez, também influenciaram comportamentos, escolhas e práticas adultas, em uma dinâmica que a obra demonstra com consistência. Nesse sentido, a importância dos papéis parentais nas vidas infantis emerge não como imposição unilateral, mas como resultado de negociações contínuas, atravessadas por contextos sociais, econômicos e culturais específicos. A cultura material associada às crianças, tais como os brinquedos, os objetos cotidianos e os espaços foi, em grande parte, concebida e produzida por adultos, mas os modos como as crianças interagiram com esses objetos e habitaram esses espaços nem sempre corresponderam ao que os pais e a sociedade pretendiam, revelando formas sutis de agência infantil. As escolhas parentais em torno da educação, da saúde, da alimentação e mesmo do tratamento da morte foram, em última instância, respostas às condições materiais e simbólicas de cada contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KAMP-WHITTAKER, April *et al.* (ed.) *Historical archaeology of childhood and parenting. materialized experiences, discourses, identities, places and meanings*. Sham: Springer, 2024. 269 p.